

## VERSOS, CINZAS E HAVANAS: UM ESTUDO SOBRE O CHARUTO NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Raquel RIPARI NEGER<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo tece uma breve análise do simbolismo do charuto no Romantismo brasileiro, mapeando e compreendendo os significados que o mesmo adquire no cerne da produção poética do século XIX. Para tanto, considera que o charuto possui uma tradição e história indissociáveis da produção literária nacional, tornando-se emblema de uma classe boêmia e transgressora.

**Palavras-chave:** Romantismo, charuto, poesia, simbolismo.

**ABSTRACT:** The article presents a brief analysis of the symbolism of the cigar in Brazilian Romanticism, mapping and understanding the meanings that it acquires in the nineteenth century poetry. For this, consider that the cigar has a tradition and history inseparable from the national literature, become emblem of a bohemian and transgressor class.

**Keywords:** Romanticism, cigar, poetry, symbolism.

### 1. INTRODUÇÃO

O segundo Reinado no Brasil marca a decadência do patriarcado rural, e o enfraquecimento das velhas oligarquias, conseqüência de um intenso processo de urbanização e re-europeização do país. Com a transformação da sociedade patriarcal rural em semipatriarcal urbana, acentua-se a distância entre o homem e o menino, o pai e o filho, o Moço e o Velho. Os filhos dos senhores de casa-grande, ricos barões do café, mandados à Europa para estudar Direito nas faculdades de Paris, Londres e Coimbra, uma vez formados e de regresso à pátria, trazem, na bagagem e nas maneiras afetadas, os gostos e hábitos do Velho Mundo. Dentre eles: o de fumar charuto. Esses jovens bacharéis, de mentalidade mais urbana do que rural, passam a integrar o quadro administrativo do Império, ocupando cargos antes só concedidos a velhos de longa barba e experiência ministerial. Presidentes de província, de 20 e poucos anos, e ministros na casa dos 30, de charutos de Manilha na algibeira, começam então a usufruir o prestígio político, só antes desfrutado por estadistas já prolectos.

Com a invasão dos charutos no espaço público de livrarias, confeitarias, cafés e teatros, enquanto ícone da modernidade e sofisticação burguesa, o consumo de rapé entra em declínio,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

perdendo a sua antiga áurea de nobreza e prestígio. Nasceria a rixa entre os *fumistas*, adeptos do charuto, e os *tabaquistas*, defensores do rapé. Mais do que mera animosidade entre gerações de hábitos e valores distintos, a rivalidade entre *tabaquistas* e *fumistas* assinala, sobretudo, um embate de caráter político-ideológico. Tal estranhamento sublinha antes, a transição de poder das mãos de velhos patriarcas rudes e agrestes, de dedos calejados na limalha do rapé, para as de jovens bacharéis de sobrado, de dedos macios, recendendo a fumo XXX. Nesse período, uma apaixonada disputa entre *tabaquistas* e *fumistas* ganha as ruas, salões e tertúlias do Rio de Janeiro, cada qual alardeando as qualidades e supremacia de suas preferências tabaqueiras.

Os mais renomados poetas e escritores da época entram na briga, defendendo, cada qual, numa série de artigos, romances, crônicas, folhetins e peças de teatro os atributos do charuto ou do rapé. Entre esses escritores, na qualidade de ferrenhos entusiastas do charuto na prosa romântica, destacam-se José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Qorpo Santo e Machado de Assis. Mas será na poesia que o enaltecimento ao charuto irá se consolidar de forma mais consistente, rica e apaixonada, sobretudo pela segunda geração romântica. Nela, ele aparece de modo sistemático, recorrente e incisivo, ora como tema, ora como metáfora, cantado menos em função de seu caráter político do que lírico. Neste sentido, o charuto ocupa um lugar de destaque na poesia romântica, enquanto metáfora do amor e do ‘medo de amar’, expressão da efemeridade, do místico e do onírico.

## **2. O CHARUTO E O RAPÉ NO BRASIL OITOCENTISTA**

No período colonial, na qualidade de possessão portuguesa, o Brasil estava terminantemente proibido de possuir fábricas e produzir qualquer espécie de manufatura, proibição esta endossada pelo alvará de 5 de janeiro de 1787. Segundo Laurentino Gomes (2007, p.86), condenado a exportar matéria-prima e consumir produtos manufaturados da metrópole, o país teria que aguardar até 1808 – com a vinda da família real ao Brasil - para consolidar sua indústria nacional. Em decorrência da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e do embargo napoleônico imposto a Portugal, D. João VI, contumaz apreciador de rapé, teria aberto caminho e estimulado a produção industrial no país, principalmente no ramo do fumo. Desde o século XVI, o hábito de consumir rapé, enquanto modismo refinado e atestado de boas maneiras, já se difundira em inúmeros países, sobretudo entre a nobreza e cortes européias. Acondicionado em finas caixinhas de ouro, prata ou porcelana, ricamente trabalhadas e incrustadas de pedras

preciosas, o delicado pó já figurava, no bolso de nobres cavalheiros nos salões do paço imperial. No século XVIII e XIX as propriedades medicinais e curativas do rapé passam a ser enaltecidas, alicerçadas na crença de que o espirro eliminava males respiratórios e "humores supérfluos", "clareando a mente" e "revigorando o cérebro".

Dentre as principais fábricas de rapé<sup>2</sup> estabelecidas no país no início do século XIX, destacam-se as de Caetano Januário (1817) e Pedro José Bernardes (1818), localizadas no Rio de Janeiro; e a de Área Preta, fundada em 1816 pelo suíço Frederic Meuron na Bahia, com sucursais no Rio de Janeiro e Pernambuco<sup>3</sup>. Nos idos de 1833, mais duas fábricas surgem na Bahia, dando início à produção do famoso rapé "Princesa de Lisboa", no bairro Nazaré. O Rio de Janeiro era então o principal centro produtor de rapé na época, contando em 1850 com cinco fábricas; dentre as quais a de João Cordeiro, a mais importante em território fluminense. A florescente indústria do rapé, entretanto, logo entraria em decadência frente àquela que seria a mais nova vedete dos salões: o charuto. Inicialmente consumido na Espanha no século XVIII, ele se disseminaria com sucesso pelo resto da Europa e nos Estados Unidos no período oitocentista..

A indústria do charuto<sup>4</sup> por ser inteiramente manual, não prescindia de maquinaria, prédios apropriados, nem grande contingente de trabalhadores. Produzido por família de lavradores que dele se ocupavam à noite, após o trabalho na lavoura, constituía antes produto de fabricação caseira e artesanal. A partir de 1850 diversas fábricas de charuto começam a surgir no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e províncias sulinas, com média de menos de 5 funcionários por unidade, contando 300 fábricas até o final do século XIX. Duas delas, cujos produtos marcaram época surgiram na Bahia em 1851: a Costa Ferreira & Pena e a Vieira de Melo. A partir de 1870, nomes como Danneman, Suerdick, Pimentel e Cia de Charutos Pooch fixam suas marcas no

---

<sup>2</sup> Do francês "raper le tabac", raspar o tabaco, o rapé se origina do processo de ralar, limar e peneirar o rolo de fumo, de modo a se obter um pó finíssimo, temperado com especiarias adocicadas, florais ou aromáticas. As caixas de rapé, verdadeiras jóias do tamanho de caixas de fósforo, eram comumente providas de um pedaço de tabaco e de um minúsculo ralador externo, que à semelhança dos grãos de café - e para se obter um aroma de qualidade - era ralado e consumido na hora.

<sup>3</sup> A história do tabaco. Rapé, charuto e cigarro, em [www.souzacruz.com.br](http://www.souzacruz.com.br).

<sup>4</sup> O processo de fabricação e elaboração do charuto é mais complexo e envolve mais etapas do que a produção do rapé. Segundo BATI (2001, p.65) o charuto é composto basicamente de três partes: o miolo, o capote e a capa. O miolo concentra uma mistura de três qualidades de fumo, denominada *blend*, que inclui o fumo *ligero*, que lhe confere força e sabor; o fumo *volado*, que lhe garante combustibilidade e o tabaco seco, que lhe dá o aroma e equilíbrio. Se o miolo corresponde às folhas internas do charuto, o capote se distingue por recobrir o miolo, dando-lhe firmeza e unidade. As capas conferem o acabamento visual e externo ao charuto, variando de acordo com o tamanho, textura e cor das folhas de tabaco. Por fim uma cola natural, feita de seiva vegetal e celulose dá o acabamento final ao produto.

mercado. A produção charuteira da Bahia, que em meados do século XIX alcançava 40 milhões de unidades/ano, passa já no fim do século, a marca de 60 ou 70 milhões, ampliando o consumo do charuto em território nacional.

### **3. O CHARUTO NA PROSA ROMÂNTICA: A RIVALIDADE ENTRE *FUMISTAS* E *TABAQUISTAS***

No final do século XIX, o tabaco havia se consolidado como pedra angular da economia e política brasileiras, norteando não só as convenções sociais como os próprios temas literários. Envolvido pelas volutas azuladas dos charutos de Manilha ou Hamburgo, seja nas livrarias, seja nas confeitarias da Rua do Ouvidor, o poeta, inebriado, passa a sonhar com a robustez do *Macanudo*. Neste contexto, os mais renomados poetas e romancistas da época tomam as ruas, recitativos e agremiações do Rio de Janeiro, cada qual defendendo a supremacia e preponderância ou do charuto ou do rapé. Enquanto o charuto, já popular na segunda metade século XIX, personificava o Segundo Reinado e a República iminente; o rapé afirma-se como o emblema máximo de um regime ultrapassado e em franca decadência.

Na peça *Uma Pitada de Rapé*, de Qorpo Santo, o diálogo protagonizado entre Mário e sua jovem filha ilustra bem tal conflito de gerações. Recusando o convite de ir à missa em decorrência de achaques de velhice, Mário prefere ficar em casa tomando suas diletas pitadas, no que justifica à filha: “vocês o que querem é bailes, passeios, visitas, festas, enfeites, alfinetes, e não sei que mais! Entretanto que eu ... já não gosto dessas cousas. Gosto mais do meu descanso; da tua Mãe; e das minhas apreciabilíssimas pitadas!” (CAMPOS LEÃO, 1980, p.272). E numa alusão direta aos *fumistas*, acrescenta, triunfante:

Ah! Se os fumadores pudessem apreciar, como eu, os prazeres que gozo ao encher estas ventas deste macio pó! Se pudessem conhecer a frescura que sinto em meu cérebro; a abundância que traz de novas e sublimes idéias à minha imaginação; com que dor de coração não gastariam eles um charuto, ainda dos melhores havanas, em vez de uma econômica pitada de rapé! (Campos Leão, 1980, p. 273).

Na peça *O Demônio Familiar*, de José de Alencar, enquanto o jovem Eduardo pede ao escravo que lhe traga “havanás de primeira qualidade, da casa de Wallerstein”, o velho Vasconcelos solicita-lhe que “encha uma caixa de rapé”. Em relação ao último, o escravo Pedro comenta, maroto: “Oh! Moça não gosta de rapaz que toma rapé, não, como esse velho Sr.

Vasconcelos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...” (ALENCAR, 2005, p.42). Em *O Bote de Rapé*, de Machado de Assis, atendendo ao pedido do marido que lhe pede para comprar rapé na cidade, Elisa, constata, desolada: “Esse vício é tão feio. Antes fumasse, antes. Há vícios jarretões e vícios elegantes. O charuto é bom tom, aromatiza, influi na digestão e até dizem que restitui a paz ao coração e dá risonho aspecto” (ASSIS, 1982, p.101). Ao que o marido contrariado, argumenta ser o rapé um vício do “homem de razão”, que “areja as idéias” e “dissipa o mau humor”; para concluir, enfático que “o nariz sem rapé é a alma sem amor”. No romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, a bela Carolina, por sua vez, tenta persuadir o namorado a fumar charutos brasileiros ao invés dos cubanos, por interpretar tal gesto como falta de patriotismo. O lirismo e a beleza de fumar chegam a ser enaltecidos até pelo próprio Satã na peça *Macário*, de Álvares de Azevedo (1982, p.77): “É uma bela coisa o vapor de um charuto! E demais, o que é tudo no mundo senão vapor? A adoração é incenso e o incenso o que é? O amor é o vapor do coração que embebeda os sentidos. Tu o sabes – a glória é fumaça”. Mas será na poesia que o tributo ao charuto se consolidará de forma mais consistente, rica e apaixonada, sobretudo pela segunda geração romântica. Nela os poetas são unânimes em defender a sua supremacia, enquanto metáfora do amor e do ‘medo de amar’, expressão da efemeridade, do místico e do onírico.

#### 4. O CHARUTO E A SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA

“Thy naked beauties- give me a cigar!”

Lord Byron, *The Island*

A segunda geração romântica traz em seu bojo a insígnia do ultra-romantismo, com a exaltação do sentimentalismo, das dores existenciais, da fantasia, da morbidez e do amor carnal ou idealizado. Sendo seu marco inicial inaugurado com a publicação do livro *Poesias*, de Álvares de Azevedo, em 1853, encontram-se entre seus maiores expoentes Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Sousândrade, Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo. Os poetas da segunda geração, inspirados por Byron, Giacomo Leopardi, Alphonse de Lamartine e Alfred de Musset, entregaram-se aos caprichos da sensibilidade e da fantasia, abordando temas que vão desde o divino e sublime, passando pelo mórbido e macabro, até o vulgar e sarcástico. Segundo

Mário de Andrade, tais românticos, poetando jovens e padecendo jovens, acabariam por deixar transparecer em suas obras todo um conjunto de dilemas juvenis, sendo acometidos e dizimados por um fúnebre mal de ‘rapaz moribundo’.

No cerne das poesias dessa geração, o charuto assume papel de confidente, comparsa e amigo íntimo do poeta, testemunha de toda a sua solidão, desespero e melancolia. Na qualidade de companheiro nos momentos de introspecção e recolhimento, ele suplanta o cachimbo, o rapé e o cigarro. Em *Idéias Íntimas*, Álvares de Azevedo, solitário, afirma ter abandonado seu “cachimbo alemão” e o “cigarro mesquinho”, para dedicar-se de corpo e alma ao charuto. Ele é visto pelos poetas como uma fonte de amparo, escapismo e sublimação carnal; uma espécie de fuga para a esfera dos sonhos e da fantasia. Não são poucos os românticos que dedicam poemas inteiros ou parte deles a enaltecê-lo, empregando-o como elemento lírico e estilístico em suas composições. No poema *Terza Rima*, Álvares de Azevedo (1957, p.68), conclui, enfático: “(...) o que há de mais doce nesta vida / O que das mágoas desvanecesse o luto / E dá som a uma alma empobrecida/ Palavra d’honra, és tu, ó meu charuto”. Ao que Bernardo Guimarães, em *Ode ao Charuto*, entoa:

Vem, ó meu bom charuto, amigo velho,  
Que tanto me regalas;  
Que em cheirosas fumaças me envolvendo  
Entre ilusões me embalas.

Oh! Que nem todos sabem quanto vale  
Uma fumaça tua!  
Nela vai passear do bardo a mente  
Às regiões da lua.

E por lá embalado em rósea nuvem  
Vagueia pelo espaço,  
Onde amorosa fada entre sorrisos  
O toma em seu regaço;

E com beijos de requintado afeto  
A fronte lhe desruga,  
Ou com as tranças dourado mansamente  
As lágrimas lhe enxuga.  
Ó bom charuto, que ilusões não geras  
Que tão suaves sonhos!  
Como ao te ver atropelados correm  
Cuidados enfadonhos!

Quantas penas não vão por esses ares

Com uma só fumaça!...  
 Quanto negro pesar, quantos ciúmes,  
 E quanta dor não passa!

Tu és, charuto, o pai dos bons conselhos,  
 O símbolo da paz;  
 Para em santa pachorra adormecer-nos  
 Nada há mais eficaz.

(...)  
 Fumemos pois! – Ambrósio, traze fogo...  
 Puff!... oh! Que fumaça!  
 Como me envolve todo entre perfumes,  
 Qual véu de nívea cassa!

Vai-te alma minha, embarca-te nas ondas  
 Desse cheiroso fumo,  
 Vai-te a peregrinar por essas nuvens,  
 Sem bússola, nem rumo.

Vai despir no país dos devaneios  
 Esse ar pesado e triste;  
 Depois, virás mais lépida e contente,  
 Contar-me o que lá viste (Guimarães, 1959, p.77)

Imbuído de uma certa áurea divina e transcendental, o charuto tem o poder de inebriar o poeta, conduzindo-o por entre uma densa névoa de aromas balsâmicos, para fora de si, num mundo onde “peregrinando por essas nuvens” chega “às regiões da Lua”. É nessa esfera onírica e langorosa, “no país dos devaneios” que o poeta se realiza no amor, longe dos próprios medos, inseguranças e angústias que o atormentam em vigília. Por meio do charuto, entretanto, ele se deixa perder sem temor nos braços de “amorosa fada”, que lhe cobre afetuosamente a fronte de beijos, enxugando-lhe as lágrimas com suas tranças doiradas. O charuto é bálsamo divino que em arabescos de nívea cassa, dissipa os ciúmes, a tristeza e o “negro pesar” que viceja no coração dos homens. Suas espirais balsâmicas consolam o fumador, descerrando-lhe o “ar pesado e triste”, em meio a perfumes e incensos aromáticos. As brumas azuladas do Havana entorpecem os sentidos, amortecem a lucidez e dardejам a razão, transportando o romântico para uma dimensão senão de doce torpor, ao menos de sono eterno:

Por fim de contas, uma noite bela  
 Depois de ter ceado entre dois padres,  
 Em casa da morena Cidalisa  
 Pegou uma pistola e, entre as fumaças

De saboroso havana, à eternidade  
Foi ver se divertia-se um momento (Varela, 1980, p.21)

A despeito do seu caráter notadamente fálico, enquanto emblema da virilidade, o charuto incorpora, contraditoriamente, o maior de todos os medos românticos: o ‘medo do amor’. Segundo Mário de Andrade, um dos mais assustadores fantasmas que perseguem o mancebo, na sua difícil jornada de transição para a fase adulta é ‘o medo do amor’, entendido como medo da iniciação sexual, da consumação dos desejos carnis. Assaltado por incertezas cruciais, vergonha e culpa, o jovem acaba recorrendo ao vício do álcool e do fumo, às idealizações do amor, aos infantilismos e aos misticismos enquanto subterfúgios para mascarar sua sexualidade. Temendo que o mundo o julgue, condene e ridicularize, creditando aos seus temores, falta de virilidade e inaptidão física, tranca-se em si mesmo, criando um mundo próprio. O tema do ‘amar sem ser amado’ constitui entre os poetas da segunda geração um elemento recorrente, obsessivo; que expõe o medo quase visceral do contato físico com o sexo oposto. Tratando de temas como o amor não correspondido, a infidelidade ou a ingratidão da amada, os poetas tentam burlar, postergar e adiar a prática sexual e, conseqüentemente, os seus medos, conflitos e inseguranças. No poema *Spleen e Charutos*, Álvares de Azevedo manifestaria o desejo da mulher ser tão palpável e real quanto uma “frouxa fumaça de charuto”:

Meu Anjo tem o encanto, a maravilha,  
Da espontânea canção dos passarinhos..  
Tem os seios tão alvos, tão macios  
Como o pêlo sedoso dos arminhos

Triste de noite na janela a vejo  
E de seus lábios o gemido escuto  
É leve a criatura vaporosa  
Como a frouxa fumaça de um charuto.  
(...)  
Como o vinho espanhol, um beijo dela  
Entorna ao sangue a luz do paraíso...  
Dá morte num desdém, num beijo vida  
E celestes desmaios num sorriso!

Mas quis a minha sina que seu peito  
Não batesse por mim nem um minuto,...  
E que ela fosse leviana e bela  
Como a leve fumaça de um charuto! (Azevedo, 1957, p.211)

Segundo Mário de Andrade (1976, p.24) dentre todos os poetas românticos, Álvares de Azevedo foi o que mais sofreu em sua vida íntima do medo de amar, estabelecendo uma nítida separação entre amor carnal e amor espiritual em suas obras. Nelas, a mulher aparece ora como ser angelical, sublime e divino, sob a forma da menina-moça, da virgem na flor da idade; ora como consanguineamente assexuada, na figura da mãe e da irmã, e ora, ainda, como entidade lúbrica, lasciva e torpe, conjugada na imagem pecaminosa da prostituta. Em outras palavras, no universo azevediano, as mulheres são ou inatingíveis ou desprezíveis, sendo o acesso a elas por um motivo ou outro negado. A suposta repugnância e nojo que o poeta sente pelo amor sexual, pela consumação carnal dos afetos, resultam numa produção poética baseada mais em leituras, intuição e práticas solitárias do que em experiências palpáveis. Apesar de ter feito de tudo para construir uma imagem de farrista, libertino e boêmio incorrigível, Álvares de Azevedo era, na vida pessoal, bem mais contido, pacato e regrado do que seus ébrios personagens em *Noite na Taverna*. Sua predileção pelo charuto em detrimento do álcool é fato conhecido em registros de sua vida pessoal.

Apesar de grande representante do ‘amor e medo’, Álvares de Azevedo raramente o confessa em suas poesias, projetando antes - no estado de espírito da mulher - os seus próprios temores, ansiedades e neuroses. A amada torna-se assim o alter-ego do poeta inexperiente; pois é ela e não ele que treme, hesita e suspira ao menor movimento do enamorado; é ela e não ele que traz as mãos frias, a tez descorada e os olhos turvos ante a promessa de um beijo. Quando não se esquiva, temerosa e tímida diante do pretendente, a moça-donzela está ou dormindo ou morta, pois o pior inimigo do poeta imberbe é a vigília. O sono e só ele suprime os reais perigos do amor, os seus embates lascivos e atos lúbricos; permitindo admirar, tocar e beijar a amada, sem ser julgado ou condenado. Fumar, dormir ou ‘morrer de amor’ torna-se assim entre os poetas da segunda geração a melhor forma de lidar com a própria sexualidade. E é entre as brumas azuladas do charuto, adormecendo entre as suas cinzas oníricas, nos braços de lânguidas musas, que o poeta encontra consolo, conforto e acalento.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **O demônio familiar: comédia em 4 atos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1994.

ANDRADE, M. **Amor e Medo**. In: Aspectos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ime, 1976.

ASSIS, M. **O Bote de Rapé**. In: Teatro completo. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1982.

AZEVEDO, A. **Lira dos Vinte Anos**. In: Poesias Completas. São Paulo: Ed. Saraiva, 1957.

\_\_\_\_\_. **Macário**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1982.

BATI, A. **Guia completo do charuto**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2001.

CAMPOS LEÃO, J. J. (pseud. Qorpo Santo). **Uma pitada de rapé**. In: Teatro completo. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GUIMARÃES, B. **Poesias**. In: Poesias completas. Rio de Janeiro: INL, 1959.

MACEDO, J. M. **A moreninha**. São Paulo: Klick Editora, 1997.

SOUZA CRUZ. Rapé, charuto e cigarro. Disponível em: <[www.souzacruz.com.br](http://www.souzacruz.com.br)>

VARELA, F. **Noturnas**. In: Poesias. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1980.